



A CENA BRASILEIRA VISTA PELALENTE DISCURSIVA

THE BRAZILIAN SCENE SEEN THROUGH DISCURSIVE LENS

Maria Cristina LEANDRO-FERREIRA¹

RESUMO

Nosso propósito é ler a cena brasileira de hoje pelas lentes discursivas. Para isso faremos uma incursão por enunciados recorrentes que apontam para uma direção de sentido nos embates que se travam com tanta intensidade no Brasil. O objetivo será o de apontar a tensão constante entre esses eixos, bem como sua saturação, derivando para efeitos de sentido controversos e contraditórios. Entre os enunciados mais frequentes encontrados destacou-se um em especial – polarização. Nos tempos atuais, virou lugar comum falar de um excesso de polarização, o que comprometeria os dois polos, pondo em risco os argumentos e fatos defendidos pelas posições opostas. Vamos analisar a quem interessa essa crítica à polarização, bem como a equivocidade contida no significante. Nessa análise entrará a questão das fake news e das bolhas digitais, que podem, potencialmente, comprometer e muito o ambiente democrático e afastar os cidadãos de escolhas refletidas e racionais. Por fim, discutiremos se é possível furar as bolhas e como os analistas de discurso podem trabalhar nesse sentido.

PALAVRAS-CHAVE

redes sociais; polarização; equivocidade; bolhas digitais.

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: kittyleandro@gmail.com.



ABSTRACT

Our purpose in this paper is to read the current Brazilian scene through discursive lenses. To aim this, we'll make an incursion into recurrent statements that points to a direction of meaning, connected to political and social clashes that are fought intensely in Brazil. We point out the constant tension between these opposite poles in collision, as well as their linguistic saturation, leading to controversial and contradictory effects of meaning that are materially expressed in the language. Among the most frequent statements found, one stood out – *polarization*. Nowadays, it has become commonplace to talk about an excess of polarization, which would compromise those two poles, putting at risk arguments and facts defended by the opposing positions. We analyze who is interested in this criticism of the polarization, as well as the equivocity contained in the meaning. This analysis will include the issue of fake news and of the digital bubbles, which can get in the way of the democratic discussion and distance citizens from rational choices. Finally, we'll discuss if it is possible to pop the bubbles and how discourse analysts can work for conquer this.

KEYWORDS

social networks; polarization; equivocity; digital bubbles.

1. AJUSTANDO O FOCO

O núcleo das razões que leva o autoritarismo a combater o poder judiciário é o mesmo que leva a combater a imprensa, a ciência, as universidades. Por quê? Na ciência, nas universidades, na imprensa, na justiça há um conjunto de métodos de verificação da verdade factual e da produção de conhecimento, elaboração, formulação que escapa aos desígnios do autoritarismo.

Eugênio Bucci

Existe algo muito peculiar no trabalho dos analistas de discurso, e falo, especialmente, do nosso caso, como pesquisadores do discurso aqui no Brasil. Michel Pêcheux, o fundador da teoria materialista do discurso, continua sendo nossa bússola, nosso principal balizador, e isso lá se vão quase 40 anos de



sua partida. Mas isso não significa que tenhamos parado no tempo com as questões e os conceitos que importavam à época para Pêcheux e seu grupo. Não, os analistas de discurso brasileiros, graças à potencialidade do aparato teórico-analítico, continuamos constantemente interpelados, convocados a interpretar os sentidos que nos atravessam e atravessam o tecido social, sentidos esses, sempre tão complexos, contraditórios, paradoxais. Enfim, conhecemos bem a urdidura dos fios de linguagem, dos fios históricos, culturais e políticos que nos constituem. E, como bons nativos, identificamos logo as nossas querelas tão conhecidas, muitas das quais se arrastam pelo tempo. Se quisermos dar um nome a essa particular situação econômica, política e cultural podemos designá-la como nosso **real sócio-histórico**. Com isso queremos dizer que os analistas de discurso se sentem implicados a ser contemporâneos de seu tempo e estão sempre conectados com seu espaço. Os objetos de análise de 50 a 40 anos atrás estão em constante atualização. Material não falta, vindo da língua, dos sujeitos, dá história e, da nunca ausente, luta de classes.

Focando agora nosso olhar para o Brasil de hoje, o que temos pela frente é um panorama tenso, sombrio e pantanoso. Peste, guerra mundial, genocídio, ódio disseminado, intolerância correndo solta e ausência total de empatia. Isso, por si só, representaria alguma novidade no curso da história dos povos? Certamente não, mas vivenciamos o aqui e agora como se fosse algo inusitado e nos sentimos, inúmeras vezes, despreparados para lidar com tantos sentimentos, atitudes e palavras que irrompem como avesso daquilo que as leis da cultura nos impõem. E isso, claro, vai determinar que nossa **caixa de ferramenta** seja da ordem da incompletude, não esgote em si todos os instrumentos de que precisamos para investigar os



fatos e os embates que estão no território de nossa pátria sempre-amada-e-maltratada, Brasil!

Essa metáfora da **caixa de ferramentas** vem de Gilles Deleuze² e gosto de me valer dela para mostrar como a Análise de Discurso, em que pese seu sólido dispositivo conceitual, não é uma caixa fechada, como já dissemos, nem tampouco possui uma única chave, tipo chave-mestra, que asseguraria o acesso a qualquer objeto teórico do nosso desejo. Ao invés disso, abre-se um campo de possibilidades ao analista que poderá, por vezes, ele próprio, ser convocado a construir as ferramentas mais compatíveis com as materialidades que se encontram no escopo de seu horizonte. O que fazemos, então, no campo discursivo é trabalhar as teorias e os conceitos como um dispositivo, uma “caixa de ferramentas” que funcionam como alavancas que nos permitem pensar o mundo e suas problemáticas. Ou seja, a AD nos permite a cada gesto de leitura ousar pensar por nós mesmos e criar meios para pôr em prática esse pensamento. É por isso que às vezes surgem certos termos cunhados pelo analista e que depois, se aceitos, passam a ser incorporados pelos demais em futuras análises. Trago como exemplos alguns significantes que senti necessidade de propor ao trabalhar com o corpo e com a cultura, respectivamente: corpo discursivo, real do corpo, formação cultural e real da cultura.

Cabe aqui um registro ilustrando o modo como nos posicionamos frente às questões que nos angustiam e clamam por interpretação. Em 2020

² “Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico. que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou. Não se refaz uma teoria, fazem-se outras; há outras a serem feitas” (DELEUZE,1992, p. 71).



no encerramento do V SEDISC, com sede na UNISUL, em Santa Catarina, a organização do evento pediu aos convidados para “lerem o Brasil hoje”, numa clara alusão ao texto de Michel Pêcheux, *Ler o arquivo hoje*. Acedi ao apelo e intitulei meu texto de “Querelas do Brasil”, também eu remontando à canção de Aldir Blanc e João Bosco interpretada, magistralmente, por Elis Regina. O título “Querelas do Brasil” surgiu num impulso, como um desejo de encarar a realidade que vivemos hoje, mas com algum filtro, como o da arte, por exemplo. Uma forma talvez inconsciente de tentar matizar a dor e o desamparo frente a esse quadro desolador na saúde, na política, na educação, na cultura, no meio ambiente. Por tudo isso não foi fácil escrever esse texto, foi bem mais difícil do que pensava. Por que uma canção e por que “querelas” são perguntas que renderiam uma incursão pelo produtivo território da metáfora e da metonímia, mas sinto que a urgência que me interpelava não era essa. Há momentos, como escrevi então, em que a teoria parece faltar. Aquela rede, metáfora tão familiar e potente para o campo discursivo, que impulsiona, quando esticada, e protege, quando diante das adversidades, parecia não ser suficiente para fazer suportar o real! Lembrei de Pêcheux (1990, p.29): “a gente não descobre o real, a gente dá de cara com ele!”.

Alguns psicanalistas conhecidos costumam dizer que frente ao escuro do nosso tempo precisamos ter a coragem de abrir as janelas. E isso requer coragem para visitar o escuro de nossa morada e conseguir nomear esses traumas. Trago aqui de memória uma citação atribuída ao Papa (Leão XIII) e que guardo da minha adolescência. O Papa, que me parecia “um bom velhinho” (e acredito que assim o fosse), com uma linguagem simples e cheia de alegorias me permitiu guardar muito bem o significado de suas palavras e, mais ainda, associá-las ao que se vivia então na juventude. O Papa nos



encorajava a **abrir as janelas**, mesmo que isso representasse, por vezes, certos transtornos e perturbações, como papéis voando, vasos quebrando, objetos saindo de seu lugar habitual. Pois seria só assim, por conta desse novo ar, dessa lufada de vento, conseguiríamos perceber outra disposição para certos elementos, fazer trocas, suprimir objetos, incluir outros, enfim, renovar a sala e deixá-la mais arejada. E claro: essa metáfora impactaria na renovação de nossa vida interior por conta dessas **janelas abertas**.

São muitas as associações que podemos fazer aqui, seguindo nessa direção da resistência, da mudança. Lembro com frequência de uma citação que li em um texto de Pêcheux e que faz bastante sentido para o que atravessamos hoje no Brasil: *a língua sempre vai onde o dente dói*, atribuída a Lênin. Ou seja: precisamos enfrentar essa dor, tocá-la, trabalhar com ela. Também por associação me ocorre agora uma passagem que guardo do livro de memórias de Érico Veríssimo, *Solo de Clarineta*. Na sua obra o conhecido escritor gaúcho compara a função da literatura à de um lampião, uma lanterna, um raio de luz intenso e forte colocado próximo à ferida de uma pessoa para expor o ferimento ao olhar do leitor, por mais difícil e repugnante que seja essa visão. Nós que trabalhamos no campo teórico da análise do discurso vemos muita compatibilidade nessa forma de metaforizar o ofício, seja de qualquer natureza. Aliás, foi essa também a lição que nos deixou Michel Pêcheux. Uma sociedade esclarecida é uma sociedade que quer ser mais clara, iluminada, que pretende trazer a luz, elucidar os pontos obscuros que a consomem e violentam. Uma sociedade que precisa de frestas de luz, nergas de sol, que lhe permitam ver através da escuridão, da ignorância, da desinformação. Ver a opacidade do texto por trás da aparente transparência, ler nas entrelinhas. Essa é a atitude do analista de discurso frente ao texto, seja qual for a natureza de sua tessitura.



Mas, voltando às “querelas do Brasil”, na canção de 1978, e à leitura que realizei então, vimos o que Elis denunciava com sua voz aguda, penetrante, cristalina:

O Brazil não merece o Brasil,

O Brazil está matando o Brasil...

Passado mais de meio século, precisamos ler com outros olhos esses versos para compreender que esse Brasil, cujas instituições lutam para não desmoronar, é o que nós mesmos, brasileiros, com nossas virtudes, passividades, defeitos e comportamentos atávicos, estamos a construir e desconstruir, a significar e a **de-significar** (conforme expressão empregada por Eni Orlandi³). Por isso agora meu desejo é falar de um Brasil fragilizado, mas guerreiro; assustado, mas esperançoso; ameaçado, mas resistente.

Ao nos propormos a ler hoje a cena brasileira pelas lentes discursivas, faremos uma incursão por alguns enunciados recorrentes que poderão nos indicar alguma direção de sentido nos embates que se travam com tanta intensidade e, por vezes, insanidade, em nosso país. Para isso será preciso fugir dos clichês que sintetizam os dizeres hegemônicos e deixam de fora as singularidades, as derivas e certos encobrimentos, cuja opacidade nos impede de perscrutar.

2. PREPARANDO O TERRENO PARA A LEITURA DO CENÁRIO POLÍTICO

Antes de começar com o exercício de análise que pretendemos apresentar, gostaria de tecer um comentário sobre certas “licenças poéticas” que por vezes podem nos acometer, levando-nos a imaginar o que Michel Pêcheux, nosso teórico-fonte, diria do que estamos hoje a viver no país. E isso com relação a questões de gênero; de racismo estrutural; da invasão de *fake news*;

³ Roda de Conversa virtual, na abertura do VI SEDISC, em 27/09/22.

dos atos e palavras antidemocráticos do nosso presidente; do descaso com a ciência e, conseqüentemente, com a vida dos cidadãos; com o acobertamento das ações destrutivas dos grileiros e dos desmatadores; com a profusão de templos e seguidores evangélicos, cuja idolatria aos bispos e pastores faz com que os fiéis se sintam como “soldados de cristo”. E a lista poderia ser ampliada e muito. Mas acho que já bastam os fatos elencados para esboçar um cenário do Brasil atual e do que nós vimos enfrentando e combatendo.

Numa ocasião, na França, questionada por um grupo de estudantes, curiosos ao saber que líamos e estudávamos Michel Pêcheux na Universidade, me deparei com a seguinte pergunta: “é verdade mesmo que Pêcheux sobrevive no Brasil”? Ao que eu de pronto respondi: “Não, ele não sobrevive, ele vive”!

Lembrei dessa história ocorrida em 2008, na Sorbonne, como forma de responder àquelas licenças, a que me referi anteriormente, e que tentavam imaginar o que Pêcheux faria se vivesse aqui. Na verdade, ao relembrar essa história, quis confirmar que, simbolicamente, ele vive! E vive através de sua palavra, de seus textos, de suas reflexões, de sua teoria. Mas somos nós, seus seguidores, os responsáveis pelo trabalho de atualizar a teoria, circunscrevê-la às nossas condições de produção e abrir espaço para uma escuta consentânea com nossa feição e singularidades. A partir daí iniciamos a tarefa árdua de construir objetos discursivos que operam constantemente na tensão entre “sistematicidade, historicidade e interdiscursividade”, como nos ensinava Denise Maldidier (1990). É importante destacar esse *aggionamento* teórico-analítico, porque as circunstâncias encontradas na França na época de atuação de Pêcheux e seu grupo – final dos anos 60 a início dos 80 – são absolutamente diversas daquelas que temos aqui no Brasil, nesses anos recentes. Na França, por exemplo, falar de Althusser e



seus discípulos, mencionar materialismo histórico, assujeitamento e ideologia tornou-se algo *démodé*, incômodo, perturbador. Já, entre nós, eu diria que é algo imprescindível, como demarcador de fronteiras entre as várias teorias do discurso. E no caso da vertente pecheuxtiana que abraçamos é imperativo que ousemos nos expor ao desconforto e à inquietude dos objetos paradoxais com que trabalhamos que vão da luta de classes ao real do inconsciente; da equívocidade da língua ao silenciamento do discurso.

Em texto anterior eu me perguntava: “Passados tantos anos do desaparecimento de Michel Pêcheux da cena intelectual, o que faz com que ele continue uma presença tão presente e pulsante no nosso cenário discursivo e político atual?”⁴. Para nós, analistas de discurso brasileiros, acredito que não seja difícil responder, pois cada um tem suas afinidades e identificações com a teoria. Particularmente, minhas questões iniciais partiram da concepção discursiva de língua, do conceito de resistência e a primazia do equívoco, como fator fundante e estruturante da própria língua. Mais recentemente tenho me voltado para as questões do corpo, da ordem da cultura e da inter-relação entre arte, discurso e psicanálise. E investigar tudo isso tem sido possível, a partir dos “andaimes suspensos” e do pensamento forte do homem responsável por eles. Essa expressão instigante foi empregada por Denise Maldidier, linguista francesa integrante do grupo ADELA (Análise do Discurso e Leitura de Arquivo), no livro que escreveu em homenagem ao amigo *L’Inquiétude du discours*. (1990). Pois é esse homem, cuja teoria ainda vive entre nós, que nos autoriza a andar por esse fio da navalha constante entre o dito e o não-dito, entre o excesso de determinação

⁴ Artigo meu publicado no livro organizado por S. Mittmann e L. Jung de Campos-Pontes, 2009, p.18.

e a falta, entre a evidência do sentido e suas falhas, entre o que se diz e o que escapa ao dizer, entre o **andaime**, que nos dá sustentação, mas que também nos deixa em **suspensão**.

3. DEFININDO OS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Vamos situar nosso recorte de análise no período recente entre 2020 e 2022, buscando selecionar alguns dizeres que mais circulam na mídia impressa digital, relacionados às eleições presidenciais. Nosso foco será resgatar algum enunciado e investigar de perto como funcionam os sentidos aí presentes, como oscilam e se revelam, indo da ambiguidade à ambivalência e desta à equívocidade. Esperamos poder fazer o batimento entre a análise como descrição e como interpretação, entrecruzada pela dupla face discursiva da estrutura e do acontecimento. Nosso propósito será o de apontar a tensão constante entre esses eixos e a sedimentação de sentidos aí operada, bem como sua saturação, derivando para eventuais efeitos de sentido controversos e contraditórios.

Não faremos um levantamento com preocupação de rigor científico, mas com a sensibilidade da escuta a que os analistas estão acostumados. Nosso escopo de observação vai das ruas aos veículos de comunicação, incluindo algumas redes digitais a que temos acesso. Consultamos os tradicionais “jornalões” (Folha, Estadão, O Globo, Zero Hora, Correio do Povo...) até a mídia mais à esquerda (Carta Capital, The Intercept...), como fazemos habitualmente em nosso hábito de leitora. Alguns canais de YouTube, blogs e sites que entram em nossa **bolha** também serviram como fonte de pesquisa. Como já dissemos, a seleção será determinada basicamente pela regularidade de ocorrência e pelo potencial analítico do significante.



Após examinar o levantamento despretensioso que fizemos das notícias veiculadas pelas mídias nos chamou atenção, pela frequência e pelo deslizamento de sentidos múltiplos observados, o enunciado **polarização**. Sobre ele, a partir dele, iniciaremos nossa análise discursiva.

4. POLARIZAÇÃO: O 'QUERIDINHO' DAS CRÍTICAS NO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO

Não pretendemos aqui estabelecer alguma competição entre as expressões mais citadas, mas se o fizéssemos, certamente, *polarização* estaria no topo da lista. Vejamos algumas manchetes recolhidas ao acaso de diferentes veículos:

- O Globo – “Polarização no meio digital dificulta diálogo social”;
- Folha de S. Paulo – “A face positiva da polarização”;
- Folha de S. Paulo – “Por que a polarização favorece populistas?”;
- Galileu – “Gráficos mostram polarização política nas redes sociais no Brasil”;
- O Estado de S. Paulo – “Redes sociais têm de responder pela polarização que causam”;
- Veja – “O que é polarização e por que é prejudicial à democracia?”.

E agora algumas formulações ouvidas pelas ruas, nas conversas de bar, de família, nos locais de trabalho, nas academias, nos programas de rádio e televisão.

1. São as eleições mais polarizadas das últimas décadas.
2. Essa polarização não pode acabar bem.
3. Precisamos de um ponto de equilíbrio entre extremos tão polarizados.
4. Quem ganha e quem perde com essa polarização?



5. Tem diferença na polarização entre Lula e Bolsonaro?
6. A polarização tem seu lado bom?

Por essa pequena amostra é possível ver um feixe de sentidos se movimentando entre a condenação (tendência predominante) e uma possível dúvida sobre a eficácia positiva desse fato. A rigor, penso que podemos considerar o enunciado - **polarização** - e seus derivados, como uma **forma discursiva** que aponta tanto para própria materialidade lexical do termo, como também para o real histórico-social que lhe corresponde. Todo enunciado, como sendo da ordem do discurso, vai remeter, assim, às questões estritas da língua e de sua organização e àquelas relacionadas à sua ordem e condições de produção. Ou seja: no processo de produção do sentido entram em jogo as superfícies linguísticas bem como a exterioridade constitutiva.

Na prática a polarização se comporta como um fenômeno social, cuja presença compromete o clima de tolerância e aceitação entre partes opostas. Em tempos recentes os sentidos desse enunciado têm circulado, predominantemente, no território da política, remetendo à divisão de uma sociedade em dois polos, a respeito de determinado tema ou personalidade. No caso brasileiro, a polarização situa-se no confronto personalizado entre as figuras de **Lula x Bolsonaro**, derivando para variações afins no embate entre petismo e bolsonarismo, esquerdistas e direitistas, progressistas e conservadores. Equivocadamente o significante “**polarização**” parece apontar uma lógica disjuntiva e maniqueísta de um pensamento dual: ou bem é A ou bem é B. Do mesmo modo revela como traço dominante um sentido a ser tratado como negativo e que envolve a disputa entre dois grupos, os quais se fecham em suas convicções e em seu extremismo, não estando dispostos ao diálogo, à **escuta social**.



Em princípio, **escuta** é um significante que circula no campo psicanalítico como a via de acesso para a cura no aspecto **individual**. Pressupõe da parte do analista um despojamento de ideias de censura e julgamento moral. Essa atitude isenta, em certo sentido, é que vai permitir a transferência entre analisante e analisando, assegurando cumplicidade e confiança na relação interpessoal. A respeito de **escuta** há um interessante apontamento nos Escritos (1966), de Lacan, onde ele evoca, a partir de Freud, a seguinte constatação: “**não é possível escutar o sofrimento humano desconectado com o que acontece no mundo**”. Penso que isso se constitui num enorme avanço no modo como habitualmente a psicanálise costumava trabalhar, centrada na doença do paciente. Já a **escuta social** surge, no campo discursivo, em um texto de Thomas Herbert, de 1966 (*Reflexões sobre a situação teórica das Ciências Sociais e, especialmente, da Psicologia Social*). Aqui o alcance visado é a sociedade, o coletivo, fato muito relevante para o analista de discurso, pois possibilita que em nosso trabalho cheguemos a desautomatizar e desnaturalizar certas interpretações, consideradas dominantes. Com a Análise do Discurso aprendemos a realizar uma **escuta** menos ingênua, menos inocente, tornando-nos mais independentes, mais críticos, mais desconfiados das certezas e verdades que tentam nos impor. Só assim podemos romper com o processo de produção de sentidos dominante e ousar nossas próprias formulações com diferentes possibilidades de significação. Um dos meios para se realizar isso, como Pêcheux bem nos ensinou, é desconfiar da transparência da língua, da obviedade do discurso e buscar tornar opaco o que parece familiar⁵.

⁵ *Unheimlich*, estranho familiar de que falava Freud, em 1919.

5. **POLARIZAÇÃO E O ESTRANHO EQUÍVOCO QUE CERCA O SIGNIFICANTE**

Nos tempos atuais, virou lugar comum falar de um **excesso de polarização**, o que comprometeria os dois polos, pondo em risco os argumentos e fatos defendidos, independentemente de sua veracidade, razoabilidade e oportunidade. Em uma sociedade concentrada em dois lados radicalizados, adversários são vistos como inimigos, o diálogo não é incentivado – ou mesmo é condenado – e transgredir as regras parece justificável. A polarização crescente é promovida e interessa mais àqueles que se beneficiam com ela. Quem seriam eles? Políticos, partidos e grupos mais extremistas que se nutrem do descontentamento e da intolerância para ganhar mais apoio a suas propostas e a seus pontos de vista, tidos como únicos. Afinal, medidas extremas têm maior chance de aceitação e adesão quando se vê o outro como um inimigo, um perigo a exterminar, um rival que é preciso eliminar, ao invés de um oponente no debate.

Em quase todos os veículos de comunicação temos observado críticas contumazes à polarização política e aos danos que ela tem causado à política institucional e à relação entre os três poderes, profanando inclusive as esferas mais íntimas, como a relação familiar. Ocorre, no entanto, que os fatos ao longo da história têm mostrado que, inevitavelmente, este é o caminho a percorrer para construirmos uma sólida democracia, pautada nos ideais da igualdade e liberdade política.

O esforço retórico para a aniquilação da polarização está apoiado em um ou em múltiplos desejos: obscurantismo político, ingenuidade, manutenção de privilégios ou um projeto de poder unilateral. A construção do conhecimento parte de ideias e projetos opostos que, por meio da dialética,



leva a outras ideias e projetos. Gerar consensos sem as polarizações é aceitar sempre o *status quo*. A **Política**, por natureza, é negociação, conflito e disputa por poder. O problema central da democracia, portanto, não é a polarização, mas como se governa e como se utiliza o poder por meio de diferentes concepções do **político**, distinção essa essencial feita no campo da Análise do Discurso. Um governo, mesmo sendo eleito democraticamente, pode ser altamente truculento e antidemocrático, carreando a polarização não de ideias, projetos e propostas, mas a estandardização da violência como prática. E isto implica alimentar com a truculência, a barbárie e o desrespeito o pensamento divergente.

Respeitar a polarização e reconhecê-la como instrumento legítimo da democracia nos leva a agir no contraponto do que as reiteradas formulações que circulam por todas as redes tentam nos impor. Devemos, isso sim, cuidar, proteger a polarização política como uma face positiva para o desenvolvimento de uma cidadania participativa, sem deixá-la ser contaminada pelo ódio e pelos discursos generalistas nutridos apenas pelo senso comum. A convivência multipolar dentro dos parâmetros democráticos deve servir como fonte de energia e alimento para ideias propositivas e nos servir de aprendizado mesmo em tempos críticos e tão turbulentos.

É preciso, pois, que tenhamos clareza quanto a isso: o problema do Brasil não é a polarização política, mas como tem sido exercido o poder. Afinal, o exercício do poder, seja ele governamental ou não, requer sustentação em pilares democráticos e apreço pela humanidade. Hoje, quem usufrui desse poder temporário está abastecendo a polarização com ódio e não com ideias; está se nutrindo com o gozo da destruição e não da construção de um mundo melhor para todos.



6. A POLARIZAÇÃO ENTRE LULA E O ATUAL PRESIDENTE: SENTIDOS ENCOBERTOS

A atual polarização entre esses dois nomes em destaque na política brasileira faz parte do jogo democrático. Não podemos confundir divergências políticas com ataque às minorias, defesa do estado de exceção e da volta à ditadura, clamor pela intervenção militar, repressão às manifestações políticas, discurso de ódio que atente à vida e irresponsabilidades com o meio ambiente. Tampouco é compatível com a democracia organizar listas e distribuir nas cidades, pelas vias digitais e físicas, contendo nomes de cidadãos eleitores (profissionais liberais, pequenos comerciantes, professores) que ousaram votar no “candidato errado” e que, por isso, devem ser hostilizados, boicotados, banidos. Não, isso tudo é crime; logo, não cabe no escopo da polarização. Assim como é crime protestar contra eleições legítimas, não aceitar o resultado das urnas e bloquear as estradas e vias públicas, impedindo o livre direito de ir e vir dos cidadãos.

Ainda sobre o equívoco produzido pelos sentidos que decorrem da apropriação do significante **polarização**, queremos estabelecer uma relação com a metáfora **jogo** que está implicada nele. Como em todo e qualquer jogo há regras e ordenamentos básicos a serem seguidos e observados pelos participantes. Este seria um dos pilares fundantes a ser aceito, tácita ou expressamente, e cujo respeito é incontornável para quem quer permanecer no jogo. É o popular “**jogar nas quatro linhas**”, como gosta de repetir o atual mandatário brasileiro, valendo-se de metáfora esportiva para referir-se à Constituição Brasileira. Aliás, a força dessa repetição provoca um efeito de esvaziamento de sentido, tal a banalização com que a expressão é constantemente empregada, passando a produzir um efeito de sentido



inverso. Afinal, quem “joga nas quatro linhas”, simplesmente joga, não precisa repeti-lo à exaustão.

Por isso, quando se ouvem afirmações como estas

1. É preciso extirpar os petistas.
2. Vamos eliminar a *petralhada*.
3. A saída é fuzilar os “vermelhos”.
4. Temos que aniquilar nosso adversário.

Estamos frente a formulações que não só transgridem as regras do jogo, como se encontram **fora** desse jogo. Jogar o jogo democrático pressupõe não querer levar a bola para casa; não pretender, na última hora, modificar o tamanho da goleira; ou então, expulsar o juiz, quando esse não apita conforme o esperado. Na ordem do esporte, bem como na ordem político-social, não se pode aceitar a ruptura com os sagrados preceitos do jogo, uma vez que as ameaças e transgressões põem em risco a sua própria existência e continuidade.

Mas aqui há diferenças discursivas relevantes entre os dois campos – **o esportivo** e **o político**. No primeiro, estamos frente a uma lógica disjuntiva: ou se joga ou não se joga mais (quando um contendor resolve levar a bola para casa); ou se joga (fraudando as regras) e se vence ou se joga e se perde.⁶No campo político a vitória ou a derrota não terminam quando acaba o jogo (no caso, as eleições). Nesse caso, os efeitos permanecem, se estendem e assumem valor ambivalente, bem diferente do dualismo esportivo. No jogo da política temos que lidar com o **e**. A vitória de um candidato pode continuar despertando a mesma pulsão de morte percebida antes das eleições,

⁶ Michel Pêcheux nos mostra isso em análise primorosa do enunciado *on a gagné*, grito comum ecoado nos estádios e nas praças públicas.

tal o gozo pela pura destruição do outro, que deixa de ser sujeito e passa a objeto de extermínio. Vimos isso na última eleição presidencial em 2022.

Lula ganhou oficialmente, mas não ganhou (para uma parcela radicalizada da extrema-direita).

Este é o **equivoco** apontado no significante **polarização**. Não se está mais à frente de dois polos da mesma natureza e que jogam o mesmo jogo. No jogo democrático há lugar para os antagonistas, há lugar para a luta e para o embate, por mais duro que seja. Agora, ao contrário disso, se um dos polos fica **fora** do jogo democrático, não se está mais à frente de uma simples polarização, a qual é bem-vinda no campo democrático. Não se trata, portanto, de uma oposição entre **esquerda x direita**, ou entre **progressistas x conservadores**. O furo aqui é mais embaixo: é entre **democracia x extrema direita** ou, podemos ir além, entre **democracia x fascismo**.

É preciso entender que os sentidos presentes no enunciado **polarização** são múltiplos, mas não quaisquer uns. Já vimos que há uma tendência no atual cenário político de considerar tal fato como algo negativo. Mas há também uma vertente que não aceita os que procuram se mostrar distantes dos dois extremos e que apresentam outras visões. Esses podem ser tachados de alienados ou que preferem ficar em cima do muro. Por fim destacaria na direção oposta àquele lado que protesta e critica a polarização, mas o faz dentro das regras. Nesse caso não se pode falar que esse lado esteja **polarizando**; ele está **resistindo** e defendendo seus direitos e seu deveres éticos, lutando pelos valores caros ao jogo democrático de direito.

É fundamental nessa análise que se ressalte que há um sentido legítimo na polarização que não pode ser elidido.



Polarizar significa emular o conflito, liberar o desejo, deixar vir à tona a dissensão.

E isto permite que posições cristalizadas por um senso comum opressor possam vir a ser debatidas, questionadas, revisitadas. Em outras palavras: que se abram fissuras na saturação dos sentidos e que se desmontem os efeitos de evidência produzidos pela ideologia. Refiro-me especialmente às questões envolvendo racismo, feminismo e diversidade de gênero que, alimentadas pela polarização, puderam ser expostas à sociedade sem o manto de naturalização, herdado de um processo histórico marcado pela submissão e pelo silenciamento. Os conceitos de **racismo estrutural** e **lugar de fala**, por exemplo, surgiram desse movimento de polarização, expondo as feridas encobertas de nossas infâmias. Ou ainda o direito dos povos e comunidades imaginários que precisam ser respeitados e valorizados.

Em artigo publicado no jornal Folha de São Paulo, Nelson Ferreira Marques Júnior, doutor em história política do Brasil, defendeu a polarização como algo benéfico para a história da humanidade. Segundo ele, a divisão da sociedade em dois polos distintos faz parte do desenvolvimento da democracia e não pode ser considerada um mal em si. A disputa política seria a única forma de construir conhecimento e encontrar soluções para problemas comuns. A polarização passa a ser negativa quando é “contaminada pelo ódio e pelos discursos generalistas nutridos apenas pelo senso comum”. Ou seja, enquanto ela está dentro dos “parâmetros democráticos”, não deve ser condenada. Além disso, “a alternativa à polarização geralmente é a supressão”, uma vez que “gerar consensos sem as polarizações é aceitar sempre o status quo” (MARQUES JÚNIOR, 2019, s. p.).



Em suma, não é a polarização que deve ser criticada e condenada, mas a perversão política que se faz dela nos tempos distópicos que vivemos. E que busca justificar o discurso de ódio com o auxílio estratégico das *fake news* que contaminam as conexões mentais de muitos incautos. Essa potente e destruidora tática de guerra estimula o aniquilamento do outro, imputando-lhe não importa quais sejam as aberrações. Um pequeno recorte do que se encontra nas bolhas de direita e extrema-direita:

- ideologia de gênero;
- doutrinação marxista;
- banheiro unissex para alunos; e
- invasão vermelha.

Não é o caso de nos determos em analisar essas verbalizações automatizadas. Seria desrespeitar a inteligência e o senso crítico do leitor. Os significantes listados encontram-se esvaziados de significação, presos apenas pela ponta do carimbo ideológico. São clichês repetidos pelas bolhas sem qualquer exame de checagem dos fatos. Se alguém se dispuser a interpelar alguns desses manifestantes que bradam tais ameaças, seguramente não obterá qualquer resposta com mínimo de plausibilidade. É o não-sentido cujo sentido se diluiu, se esgarçou.

O que surge como marca histórica e política nesses enunciados é que quanto pior for considerado o assim chamado inimigo visado, mais haveria argumentos para tentar eliminá-lo, não importando os meios e a eventual quebra das normas democráticas. Há estudos científicos que revelam que uma opinião formada sobre determinado assunto importa mais do que os fatos relacionados a ele. Isto é, evidências têm pouco poder para mudar a visão de mundo de uma pessoa, devido ao modo como tendemos a dar



mais valor a fatos e informações que reforçam nossas opiniões e menos valor àqueles que as contrariam. Um ambiente polarizado, sem tolerância e respeito a opiniões discordantes, reforça esse comportamento. O ambiente é criado pela propensão a sermos fiéis a grupos, a bolhas. Nesse sentido, é possível entender, em parte, porque as mentiras se espalham com facilidade. As tristemente populares *fake news* aproveitam-se da nossa vontade de acreditar em notícias que corroboram nossas ideias, independentemente da sua veracidade, e assim se disseminam. Diria que é a praga dos nossos tempos. Praga que se espalha sem controle e que requer investimentos altos na educação, lá da base, para se tentar conter.

Além da busca pela verdade factual, o excesso de polarização afeta também a busca por soluções para problemas da sociedade. Um debate polarizado impede as análises profundas e cheias de nuances que questões complexas exigem. Essa polarização negativa que vimos descrevendo certamente favorece a ascensão de líderes populistas autoritários com pouco apreço às normas reguladoras do estado de direito e às limitações de poder. Nesse momento; em nosso país, é exatamente essa a situação que vivemos. E não se pode atribuir isso à política, como muitos desavisados insistem em fazer. A política faz parte da nossa vida em comunidade, por menor que seja o seu núcleo. Ela é a ciência que rege as nossas relações, lutas e adesões em torno do poder do Estado. Política não pode se confundir com fanatismo, tampouco com idolatria e formação de verdadeiras seitas. Esses homens públicos, políticos autoproclamados “mitos”, por um povo ignaro e imbecilizado, representam um retrocesso de tal modo pernicioso, deletério, que fica difícil calcular o tempo necessário para recuperar o terreno devastado por tanta destruição.



7. O CONFLITO DAS BOLHAS *VERSUS* REDES SOCIAIS: UM PARADOXO VICIOSO (INEVITÁVEL?)

*Nós estamos cativos dentro de uma **nova caverna de Platão**. Nesta nova caverna as paredes são feitas de telas eletrônicas. Nós enxergamos as imagens, mas não vemos a experiência da vida, não experimentamos a vida”.*

Eugênio Bucci⁷

No mundo digitalizado em que vivemos, há um excesso de informações disponíveis, amplificadas pelas características das tecnologias a que temos acesso. Um grande problema é rastrear essas informações para avaliar sua fidedignidade e seu grau de consistência e plausibilidade. O imenso volume de fatos disseminados pelas redes traz em seu bojo conteúdos com checagem confirmada, mas também montes de lixo, de factoides, vendidos como verdade. Com a eficácia do alcance das atuais tecnologias de informação e sua consequente pulverização por praticamente todo o espectro social - da política à igreja, do clube à família, do trabalho ao esporte – torna-se uma missão quase impossível a checagem de todo o material veiculado. Grande parte dele, inclusive, mesmo sendo mentira (e por isso mesmo), é intencionalmente propagado.

Esse comportamento de intolerância e irracionalidade é fortalecido pelas **bolhas**, as quais fechadas na sua entropia repetem, como um movimento de *looping*, os mesmos enunciados, de forma automatizada, sem qualquer discernimento crítico. **Furar a bolha** torna-se algo

⁷ Entrevista concedida por telefone ao Instituto Humanitas da UNISUL (IHU), em 24/06/2022.



praticamente inatingível por uma força exterior. É mais viável que isso porventura aconteça por um movimento de corrosão interna. Dizendo de outra forma, as bolhas podem explodir e implodir. É um movimento ambivalente, que lida com as duas pulsões de destruição.

A imagem da rede — com suas várias conexões, nós, traços, linhas e curvas — passa bem a dificuldade de articular todo esse complexo mundo. Estamos frente às redes sociais, as quais em sua heterogeneidade e diversidade produzem a circulação dos discursos que compõem o tecido social. E para fazer chegar a cada uma dessas redes os conteúdos que podem interessar, gerar prazer e motivar o consumo (ou a mudança de atitude esperada) são gerados códigos, os chamados algoritmos, sequência de comandos formulada por analistas de sistemas computacionais e que são alimentados pelos dados dos próprios usuários. Os algoritmos passam a ganhar uma relevância extraordinária, como antenas que captam o desejo mais escondido dos usuários e podem, a partir daí, influenciar, direcionar e controlar comportamentos, hábitos e pensamentos. Todos nós que usamos cotidianamente a internet já percebemos como a simples operação de busca pelo *Google* faz com que apareçam em nossas redes inúmeros produtos e ofertas, relacionados a essa procura. Isso evidencia, em nosso microcosmo como usuários de ferramentas on-line, o direcionamento das informações a que estamos expostos.

Derivada dessa espécie de confinamento informático a que nós somos conduzidos, emana a criação de bolhas sociais, as quais irão mapear nossas zonas de afinidade e rejeição a cada produto. Percebemos nesse processo de produzir desejos, necessidade, ou recusa e contrariedades, um trabalho invisível da ideologia, mecanismo potente e determinante na sociedade capitalista de consumo em que estamos imersos. Cada sujeito acaba tendo



contato apenas com normas de conduta a serem reproduzidas e opiniões, notícias, artigos, vídeos e imagens que reforçam suas crenças. Pontos de vista diferentes, por outro lado, têm chance mínima de furar essa bolha. As visões discordantes se tornam cada vez mais estranhas, absurdas e, no ponto máximo, inaceitáveis. O resultado disso é que cada pessoa consolida e reforça as ideias que já tem e passa a ter mais certeza de que está certa em seus julgamentos. Ou seja: as bolhas sociais combinadas com as fakes news⁸ podem, potencialmente, comprometer e muito o ambiente democrático e afastar os cidadãos de escolhas refletidas e racionais.

O documentário *Dilema das Redes*, da Netflix, que viralizou em 2020, apresenta a visão de diversos responsáveis envolvidos na indústria da tecnologia, ex-trabalhadores das maiores redes sociais, como Twitter, Facebook, YouTube, a partir de seus próprios dilemas éticos e pessoais. Além de trazer a grande crítica, que é o tema central do longa metragem (“a geração global de pessoas manipuladas pela conexão”), o documentário impacta revelando o sofrimento desses empregados submetidos ao vício e à angústia da abstinência, como consequência do próprio uso das redes sociais.

A perversa ironia e que agrava e engrossa o caldo desse dilema é que a internet foi oferecida ao mundo com a utópica promessa de conectividade e acessibilidade para todos. No entanto, não é essa a realidade que se vê. Faz-se imperativo colocar certos interrogantes desde já: Quem tem acesso

⁸ Eugênio Bucci vale-se de uma potente e perturbadora metáfora, associando as *fakes news* ao alimento que ingerimos. Para ele, semear notícias falsas é pior que distribuir comida estragada. “Se alguém lhe passa uma comida estragada, você passa adiante, para as pessoas se envenenarem? Se a pessoa não faz isto com a comida, nunca deveria fazer com a informação, que pode ter efeitos trágicos. Então, informação estragada é pior do que comida estragada. A comida estragada fará mal para uma ou duas pessoas, mas uma informação mal-intencionada vai fazer mal, rapidamente, para um país inteiro”. Disponível em: <https://bit.ly/3XbbH91>. Acesso em nov. 2022.



às redes? Quais os efeitos em quem tem acesso e quem fica excluído? Quem saiu ganhando com essa socialização? E quais os riscos que decorrem disso? Está aí o terreno para pensarmos no paradoxo vicioso que referimos.

Quanto mais as redes sociais são abastecidas de informações mais fortalecem e isolam as bolhas, impulsionando a polarização.

Alimentando esse paradoxo temos a presença das *Big Techs*, conhecidas também como *Tech Giants* ou *Big Five*, nome dado às cinco empresas mais dominantes na indústria de tecnologia da informação dos Estados Unidos, localizadas majoritariamente no Vale do Silício, e que dominam o mercado. São todas muito nossas conhecidas: 1. Apple, 2. Amazon, 3. Google, 4. Microsoft, 5. Facebook. Começaram como pequenas *startups*, criando serviços inovadores, disruptivos e escaláveis para facilitar a nossa vida de cidadãos comuns. Mas, estranhamente, elas causam temores inescrutáveis, em um âmbito que pode ir além da nossa compreensão. Assim como elas vem para facilitar nossa vida, pessoal e profissional, invadem de tal forma na rotina diária que dependemos diretamente delas para quase tudo: a troca de mensagens pelo WhatsApp, os dispositivos de comando de voz, as plataformas de *streaming* (que atendem a nosso lazer) e inúmeros outros serviços, como o *pix*, por exemplo. Ora, tais facilidades influenciam nosso comportamento e não são gratuitas. Longe disso!

As big Five controlam diversos nichos dos mercados digitais, o que faz com que acumulem um enorme volume de dados gerados pelos usuários. Esse monopólio de dados dá a elas uma vantagem competitiva desleal e o resultado é o comportamento anticompetitivo, assim como um grande



impacto nas relações de força e poder que regem a vida dos cidadãos e o funcionamento geopolítico da sociedade.

Eugênio Bucci, jornalista e professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), em entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos⁹, disse acreditar que as *big techs* têm um impacto econômico devastador. Elas tomaram para si a grande parte dos recursos do mercado publicitário, levando jornais e emissoras à falência. No mesmo sentido, causaram um grande impacto político devido à dinâmica das redes sociais, com propagação de discursos de ódio, *fake news* e teorias conspiratórias. Em outras palavras, o uso de dados pelas *big techs* foi muito além da otimização de seus produtos e influenciaram na situação política de inúmeros países.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

8.1. É POSSÍVEL SAIR DAS BOLHAS?

A primeira definição de algo parecido ao fenômeno vivenciado com o aparecimento das bolhas sociais é o das comunidades virtuais, que são construídas com base nas afinidades de “interesses, de conhecimentos, sobre processos mútuos, através da troca ou cooperação, não sendo dependente mais de proximidades geográficas e das filiações institucionais” (LEVY, 1999, p. 127). Desde o surgimento da internet as comunidades virtuais foram criadas com o intuito de aproximar aqueles que pensam igual, sem mais a barreira física ou geográfica. E isso, como já dissemos, tem uma

⁹ Disponível em: <https://bit.ly/3X64E17>. Acesso em nov. 2022.



presença determinante da ideologia que, quanto mais invisível, mais efeito de convencimento e aliciamento produz.

Na Análise do Discurso trabalhamos com um conceito que pode ajudar a compreender esse funcionamento digital das **bolhas**. Trata-se das formações discursivas (FDs), ferramenta muito produtiva no dispositivo de análise discursivo. As FDs, em que pese serem compatíveis com a heterogeneidade, podem operar, com tendência à homogeneidade e reforço da matriz de sentido dominante. Isso resulta da força e do impacto da ideologia sobre os sujeitos que a integram e que vai determinar seu maior ou menor grau de identificação com a forma-sujeito que define a FD. Por conta disso as diversas posições-sujeito possíveis que se afastam da plena identificação acabam por serem rejeitadas, canceladas (diríamos hoje), e, em consequência, excluídas. Temos aí a analogia entre o que acontece nas FDs e nas bolhas sociais, as quais se comportariam como verdadeiras “bolhas discursivas”, reproduzindo as mesmas ideias e as mesmas interpretações para os fatos da realidade. E esse trabalho da repetição reiterada, mecanicamente reproduzindo os enunciados e naturalizando seus sentidos, é o papel eficiente da ideologia. Assim com as FDs, as bolhas são devidamente constituídas e alimentadas por formações ideológicas que as sustentam e direcionam.

Esse comportamento das bolhas aproximado ao conceito de formações discursivas serve para que se evite cair na ilusão de que podemos viver em um mundo fora de alguma bolha. No momento em que uma determinada bolha não esteja mais respondendo às nossas crenças, à nossa ideologia, nós procuramos outra (ou somos procurados por outra) na qual possamos significar e partilhar uma visão de mundo. Para significar precisamos fazê-lo de uma família discursiva, as chamadas Formações Discursivas (FDs), nas



quais há três principais modalidades de identificação que o sujeito pode assumir: identificação plena, contraidentificação, desidentificação. Tais modalidades seguem numa hierarquia crescente de mais a menos adesão, chegando até ao total descolamento. No caso extremo da desidentificação, temos a assim chamada “saída da bolha”, por absoluto antagonismo com os dizeres e com os sentidos que ali circulam, a ponto de ruptura. Mas é interessante acentuar que a desidentificação vai provocar a busca por uma nova FD na qual o sujeito possa vir a significar e a se constituir como sujeito. Então é por isso que afirmamos que é ilusão achar que se vive fora de uma FD, fora de uma bolha discursiva. Se nos desidentificamos e saímos de uma FD ou de uma bolha precisamos de outra que nos acolha. Ou, ainda, nos valendo de Cazusa, melhor dizer: “**Ideologia, eu quero uma pra viver**”. E parafraseando, com a devida licença, “**Bolha digital, preciso de uma pra viver**”. O fato de parecer ser incontornável “viver numa bolha” nos leva agora a outro questionamento.

8.2. COMO FURAR A BOLHA? DESCONFIAR DE SUAS VERDADES?

A professora Pollyana Ferrari, da PUC/SP, lançou um livro em 2018 com essa problemática no título (*Como sair das bolhas*). Ao abordar o drama de “viver na bolha”, a autora mostra como hoje esse conceito evoluiu para algo pior, pois as pessoas, confinadas atrás de suas telas digitais, só convivem mesmo com os pares que pensam parecido, que tem a mesma opinião sobre política, religião, artistas, esporte. Logo ao receber notícias, mesmo parecendo absurdas e irreais, passam adiante sem qualquer vacilo. A autora trabalha também com alternativas de checagem das notícias, garantindo o



dever ético de não fomentar a desinformação e assegurar o fortalecimento e a maturidade do debate público em sociedades democráticas.

O alerta importante que nos deixa a jornalista deve nos inspirar no cotidiano de nossa própria vida de usuários. Cuidar para não passar adiante os fatos sem a devida investigação. Na dúvida, não compartilhar. E apostar na escola como amplificadora do pensamento crítico, lugar da diversidade de opiniões, do respeito pelas posições antagônicas. Nesse trabalho de socialização do acesso às redes, a Escola tem papel vital como formadora e fomentadora da tolerância e da empatia. Tudo começa com a escola de base, lá com os pequenos que já desde cedo se tornam usuários frequentes do mundo digital e suas tentações, com jogos, imagens, músicas e filmes. Quem tem repertório mais amplo é capaz de filtrar melhor a desinformação e se torna mais exigente com a qualidade do material que consome e veicula.

8.3. E O QUE PODEMOS NÓS, ANALISTAS DE DISCURSO, CONTRIBUIR PARA ISSO?

Primeiramente, a AD não se coloca no papel de dar respostas, mas antes, colocar questões. E nessa esfera eletrônica lidamos com a linguagem e sabemos que, para Pêcheux, o que sempre importou foi a ligação ente linguagem e ideologia, que perpassa o sujeito. Estamos, pois, em sintonia com nosso tempo, habilitados a penetrar nessa nova ordem, pois temos as ferramentas para análise. Um cuidado primordial é se permitir circular por diferentes bolhas, sair do isolamento ideológico e confrontar os fatos polarizados que invadem as redes. Quanto mais bolhas, maior polarização! Permitir-se ter mais dúvidas do que certezas é um bom começo para a investigação dos objetos discursivos que nos interessam. As redes estão



mergulhadas em contradição, assim como a história. O capitalismo está presente nas plataformas e faturando alto.

O que fazer então? Como então furar as bolhas?

Furar as bolhas é um ato de resistência, uma tentativa de respirar melhor, fora do ar confinado das mesmas bolhas de sempre. É colocar em marcha os primados básicos da análise do discurso que Pêcheux¹⁰ nos deixou: **Ousar se revoltar e ousar pensar por si mesmo!** Só faremos isso, furando a bolha e testando a corrosão interna dos sentidos que nela circulam, checando as contradições que nela habitam. É preciso ter presente que toda essa tecnologia que toma conta dos nossos tempos é pensada, produzida e operada por indivíduos, interpelados pela ideologia. E se esse ritual de assujeitamento deixa falhas, por que as bolhas também não podem apresentar fissuras?

Eis aí um caminho a ser trilhado de uma realidade que veio para ficar!

REFERÊNCIAS

BUCCI, E. As big techs conseguiram um feito inacreditável: são empresas monopolistas em escala global. Entrevista especial com Eugênio Bucci. **Instituto Humanitas**, São Leopoldo, 24 ago. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/602118-as-big-techs-conseguiram-um-feito-inacreditavel-sao-empresas-monopolistas-em-escala-global-entrevista-especial-com-eugenio-bucci>. Acesso em 29 nov. 2022.

DELEUZE, G. **Conversações**: 1972-1990. São Paulo: 34, 1992.

¹⁰ Michel Pêcheux ([1975] 1988, p.304) apresenta esses dois primados na última página de *Semântica e Discurso*.



FERRARI, P. **Como sair das bolhas**. São Paulo: EDUC, 2018.

HERBERT, T. Reflexões sobre a situação teórica das Ciências Sociais e, especialmente, da Psicologia Social. In: PÊCHEUX, M. **Análise de discurso: Textos escolhidos por Eni Orlandi**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015 [1966].

LEANDRO-FERREIRA, M. C. Os andaimes suspensos de Michel Pêcheux. In: MITTMANN, S.; CAMPOS, L.J. **Análise do Discurso: da inquietude ao incômodo lugar**. Campinas, SP: Pontes, 2019. p. 15-25.

LEVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1999.

MALDIDIER, D. Entretien avec Henri Deluy. **Les Lettres françaises**, p. 17, abr. 1991.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso** – (Re)ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.

MARQUES JÚNIOR, N. F. A face positiva da polarização política. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3Am16ht>. Acesso em 29 nov. 2022.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* Campinas, SP: Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. Trad. Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. In: ORLANDI, E. **Gestos de Leitura**. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 6 ed. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2012 [1981].

